

“Sou tudo isso”

Pioneiro na arte urbana e envolvido em múltiplas atividades, o paraibano Chico Pereira, 80 anos, se considera um artista volúvel, infiel a si mesmo

TEXTO/TEXT CAROL BOTELHO

FOTOS/PHOTOS LEOPOLDO CONRADO NUNES

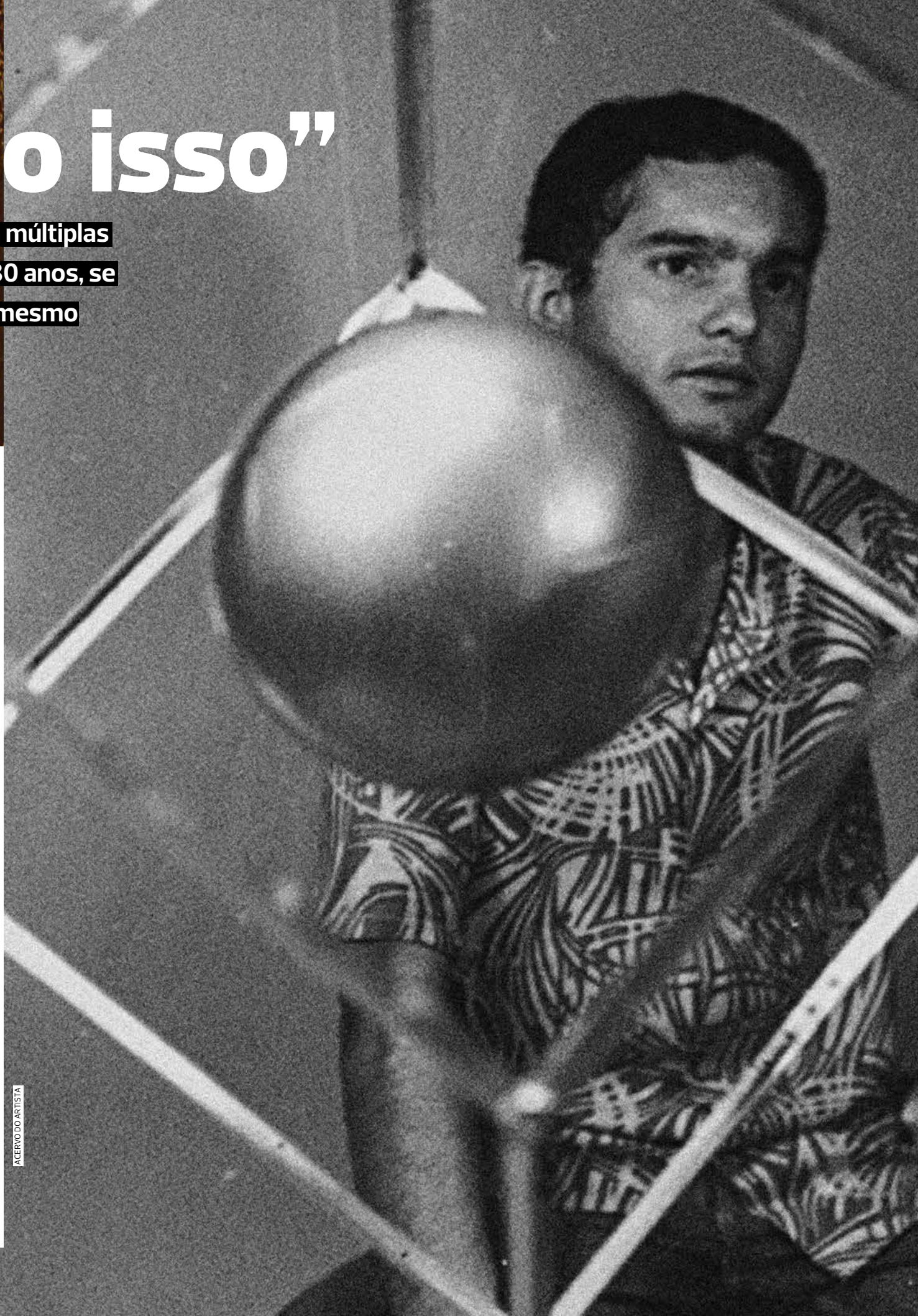
JOÃO PESSOA - Há quem defenda que só se pode chamar alguém de artista quando a obra adquire tantos elementos identificadores que não prescinde de assinatura. Mas desde que a vanguarda sessentista jogou fora a chatice da estática para viver o delicioso dinamismo do experimentalismo, algo mudou. É preciso emitir identidade mesmo a quem arrancou do polegar a impressão digital em nome da liberdade estética e técnica. “Admito ser um artista volúvel, infiel a mim mesmo, não me prendendo a estilos ou ao mercado, consciente de que não dá para ser identificado por uma marca peculiar que não seja minha história pessoal caótica”, declara Chico Pereira, 80 anos, 60 deles dedicados à arte.

Ao tentar se definir como indefinível, o artista se revela tão somente um coerente contraditório. Contraditório como o próprio fato de ser quase um ilustre desconhecido além das fronteiras paraibanas, mesmo sendo um dos pioneiros, no Brasil, da arte urbana, essa que até hoje utiliza *spray* e estêncil sobre paredes, em vez de óleo sobre tela.

Mesmo sendo um reconhecido gestor, guardador e curador do acervo artístico e cultural paraibano. “Sou desenhista, sou *designer*, sou intelectual, sou professor, sou ‘museólogo’, sou escritor. Eu sou tudo isso. Todos os Franciscos Pereira”, declara o também membro da Academia Paraibana de Letras, fundador do Núcleo de Arte Contemporânea da UFPB, professor aposentado do Departamento de Artes Visuais da UFPB, coordenador do Museu da História da Paraíba, e integrante do Conselho do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep).

Atualmente residente em João Pessoa, mas nascido em Campina Grande, em 1944, a vida se passa nesse lá e cá entre as duas cidades. A mãe dizia que havia um quê de cigano nessa inquietude residencial. Na morada em que habita há um ano, as caixas abarrotadas de papéis e objetos revelam o que ainda está por assentar ou que jamais ocorrerá. Até que venha a próxima mudança ou a próxima obra de arte.

ACERVO DO ARTISTA



I am all of that

A pioneer in urban art and involved in multiple activities, 80-year-old Chico Pereira from Paraíba considers himself a fickle artist who is disloyal to himself

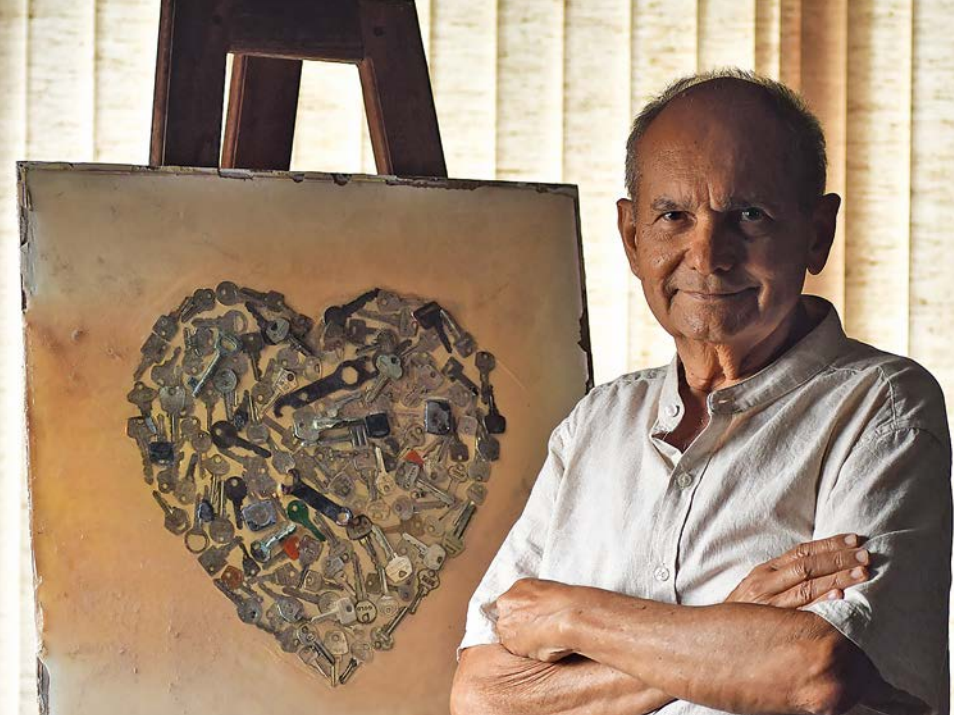
JOÃO PESSOA – Some argue that one can only be called an artist when one’s work acquires so many identifying elements that it no longer requires a signature. But ever since the avant-garde movement of the 1960s discarded the tedium of static art in order to embrace the delightful dynamism of experimentation, something changed. Identity needs emitting, even to those who have metaphorically ripped off their thumbprint in the name of aesthetic and technical liberty. “I admit to being a fickle artist, disloyal to myself, untethered to styles or to the market, fully aware that I cannot be identified by any peculiar hallmark other than my chaotic personal history,” states the eighty-year-old Chico Pereira, 60 years of which have been dedicated to art.

In trying to define himself as indefinable, the artist reveals what is a coherent contradiction. Contradictory, much like the fact that he remains relatively unknown beyond the borders of Paraíba, despite being one of Brazil’s pioneers in urban art – the kind that still employs spray paint and stencils on walls instead of oil paint on canvas, Chico is also a celebrated administrator, custodian and curator of Paraíba’s artistic and cultural heritage. “I’m an illustrator, a designer, an intellectual, a professor, a ‘museologist,’ and a writer. I am all of that. All the [different] Francisco Pereiras,” says the member of the Paraíba Academy of Letters, founder of the Contemporary Art Center at UFPB, retired professor of UFPB’s Department of Visual Arts, coordinator of the Paraíba Museum of History, and member of IPHAN’s Historical and Artistic Heritage Council.

Currently residing in João Pessoa but born in Campina Grande in 1944, his life has been a constant back-and-forth between the two cities. His mother used to say there was something gypsy-like in his restless nature. In his current home, where he has lived for a year, boxes overflowing with papers and objects hint at what remains unsettled, or what may never be. At least until the next move or the next work of art.



***Painel Tropicália* (1969), obra emblemática do artista pioneiro do grafite no Brasil**



A figura do coração, obsessão de Chico, ganha versão composta por chaves

Não fosse pelo caráter colecionista, a Paraíba não teria um livro que registrasse e guardasse a história cultural do estado: *Paraíba – Memória Cultural* (2011). “Passei a vida juntando material. Talvez eu seja a única pessoa que possui, pelo menos a partir dos anos 1960, todo um acervo de documentos e livros sobre a Paraíba, recortes de jornal, catálogos e revistas”.

Internacional de Valparaíso (1986), no Chile, além de mostras em países como Alemanha, França, Portugal, Argentina e Uruguai.

Além de registrar a riqueza cultural paraibana em livro, Chico também foi responsável por colocar a feira de Campina Grande em seu devido lugar: o de espaço artístico de arte popular, essa arte que ainda teimam em separar da chamada erudita. Ambas, para o artista, são nada menos que a mesma coisa: arte. “A estética da feira vai do horripilante ao belo das barracas de cordel, do cantador, da gastronomia. É uma síntese da cultura regional. A feira possui um *modus operandi* social. As cidades nasceram das feiras”, afirma o artista-escritor-pesquisador, autor da obra *Feira de Campina Grande: um museu vivo da cultura popular e do folclore nordestino* (1977), editado pela Universidade Federal da Paraíba.

Somente 40 anos depois, em 2017, foi que a feira ganhou o título de Patrimônio Cultural. Recentemente, a obra esgotada ganhou nova edição, de capa dura, com ilustrações do artista paraibano Flávio Tavares, pela editora do jornal *A União*. “Desde que me envolvi com as artes, entendi que as manifestações artísticas, de qualquer natureza, são expressões exclusivas do ser humano. Uma invenção como qualquer outra, mas diferente porque se destina ao espírito, ao conforto da alma, à embriaguez dos sentidos, transitando entre o espaço da alegria e da tristeza, do real e da ficção”, resume liricamente o sentido da arte. Para ele, na arte só existe uma certeza: a eternidade. Mas não sem ressalvas. “É um adendo à humanidade e viverá enquanto o homem existir.”

Em Chico a arte chegou cedo, ainda na infância, quando se apaixonou pelos gibis. “Eles me ajudaram a ler e entender o mundo com mais facilidade, discernir desde cedo o bem e o mal, a percepção da ética e a realidade das coisas vulgares, a existência do heroísmo, da covardia, ficções, desejos de ir além dos limites, sonhos...”. Mais tarde, o cinema e a literatura também fizeram esse papel. “Comecei reproduzindo figuras legendárias do faroeste, da Disneylândia, e outras imagens do universo impresso.” Não demorou para o jovem ingressar na Escola de Artes de Campina Grande. “O ensino acadêmico e realista do desenho anatômico e da pintura tradicional me ajudaram a adquirir as técnicas necessárias para atuar como ilustrador”, recorda Pereira, que também estudou desenho técnico no Senai.

Mas antes mesmo dos gibis e da escola de artes, o forro da Catedral de N.S. da Conceição, padroeira da cidade de Campina Grande, foi o primeiro a chamar a atenção do ainda menino para o universo artístico no qual futuramente mergulharia de cabeça, técnicas e tintas. Pintado pelo artista paraibano de Sumé, Miguel Guilherme (1902-1995) – que encantava fiéis e crianças ao retratar com seus *trompe l’oeil* (expressão em francês que significa engana o olho) a cena celestial da padroeira rodeada por anjinhos nus e com asas flutuando no espaço. Infelizmente, nos revela o artista, nos anos 1960, com as reformas de João XXIII, as pinturas foram sumariamente apagadas.



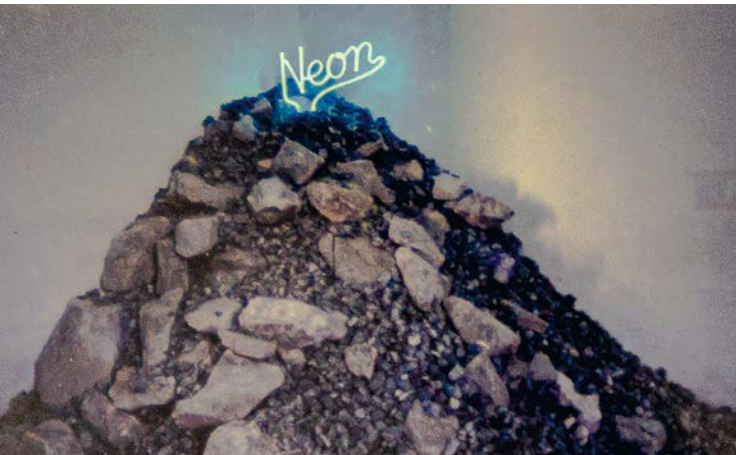
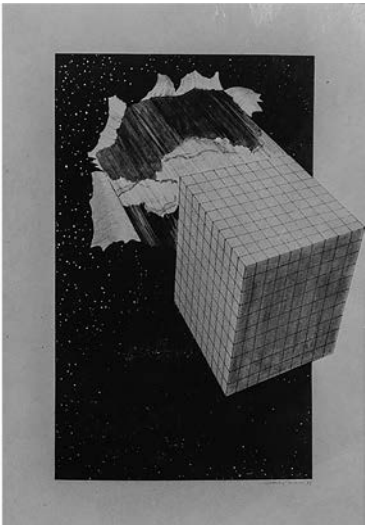
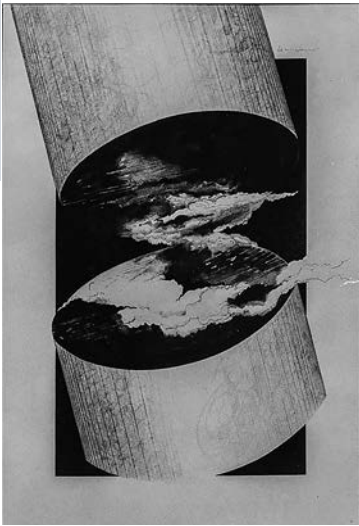
Cartaz do Museu de Arte Assis Chateaubriand em Campina Grande

Poster for the Assis Chateaubriand Art Museum in Campina Grande

“Lembro também de admirar a revista *O Cruzeiro*, com as ilustrações de Cândido Portinari sobre os capítulos semanais do romance *Os cangaceiros*, de José Lins do Rego, dos desenhos do (cearense) Aldemir Martins e da leveza dos tons pastéis do (ilustrador de moda mineiro) Alceu Penna. Foi meu primeiro contato com a arte moderna brasileira”, afirma Chico.

Tais influências e o interesse pela estética de ficção científica, do cosmo, do Surrealismo e do Futurismo, misturada à realidade urbanas com toques lúdicos, filosóficos e irônicos fizeram Chico colocar os dois pés na *pop art*, impregnada de geometria, abstracionismo e figurativismo. “Me divirto quando uso técnicas tradicionais da pintura na era que tudo isso pode ser feito pelo computador”.

Ao visitar a 9ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1967, Chico ampliou, e muito, o repertório *Pop Art*, principalmente norte-americano, exibido nas obras de Robert Indiana, Jasper Johns, Roy Lichtenstein, Andy Warhol, Robert Rauschenberg, James Rosenquist, George Segal, Edward Hopper e tantos outros. Tantos outros que a bienal ganhou o apelido de *Bienal Pop*, e foi muito criticada pela ausência de critério curatorial, e bastante prejudicada pela censura militar, que retirou da exposição muitas obras e dificultou o trabalho da imprensa.



ACERVO DO ARTISTA

No alto, obra da série *Carretéis*, seguida do desenho *Fixões* e da instalação-trocadilho *Neonconcreto*, todas dos anos 1980

Top, work from the *Carretéis* series, followed by the *Fixões* drawing and the pun-installation *Neonconcreto*, all from the 1980s

in a book, Chico was instrumental in elevating Campina Grande’s municipal market to its rightful place as an artistic space for popular art. For him, popular and erudite art are one and the same: art. “The market’s aesthetics range from the grotesque to the beautiful, from the *cordel* stalls to the singers and gastronomy. It’s a synthesis of regional culture. Markets possess a social *modus operandi*. Towns were born out of markets,” states the artist-writer-researcher, author of *Feira de Campina Grande: Um Museu Vivo da Cultura Popular e do Folclore Nordestino* (Campina Grande Market: A Living Museum of Popular Culture and Northeastern Folklore – 1977), published by UFPB.

Only 40 years later, in 2017, was the market awarded the title of Brazil’s Cultural Heritage. Recently, the out-of-print work was reissued in a hardcover edition with illustrations by Paraíba artist Flávio Tavares, published by *A União*. Since I got involved in the arts, I’ve understood that artistic expressions of any kind are uniquely human inventions. An invention like any other, but different as they’re aimed at the spirit, to comfort the soul, to intoxicate the senses, traversing the realms of joy and sorrow, reality and fiction,” he lyrically summarizes the essence of art. For him, in art there is only one certainty: eternity. But with exceptions. “It’s an augmentation to humanity and will live as long as humans exist.”

Art came to Chico early, still in his childhood, when he fell in love with comics. “They helped me learn to read and to understand the world more easily, to early on tell the difference between good and evil, to understand ethics and the reality of vulgar things, the existence of heroism, cowardice, fiction, desires to go beyond limits, dreams...” Later, on cinema and literature played similar roles. “I started reproducing legendary figures from Westerns, Disneyland, and other images from the printed universe.” It wasn’t long before the young man enrolled in the Campina Grande School of Arts. “The academic and realistic teaching of anatomical drawing and traditional painting helped me acquire the techniques required to work as an illustrator,” recalls Pereira, who also studied technical drawing at Senai.

But even before comic books and art school, the ceiling of the Cathedral of Our Lady of Conception, the patron saint of Campina Grande, was the first to catch the boy’s eye to the artistic universe he would later immerse himself in, with techniques and paints. Painted by the Paraíba artist from Sumé, Miguel Guilherme (1902-1995), the ceiling captivated churchgoers and children alike with its *trompe l’oeil* (French for ‘trick the eye’) the celestial scene of the patron saint surrounded by naked winged-cherubs floating in space. Unfortunately, as Chico reveals, the paintings were summarily erased during the 1960s reforms of Pope John XXIII.

“I also remember admiring the magazine *O Cruzeiro*, with Candido Portinari’s illustrations for the weekly chapters of the novel *Os Cangaceiros* by José Lins do Rego, the drawings by Aldemir Martins (from Ceará), and the



Painel de cobogó *Varanda de rede* foi encomenda de Oscar Niemeyer, com 40 metros de largura; e painel de azulejos instalado em galeria de rua de João Pessoa

Cobogó panel *Mesh balcony* was commissioned by Oscar Niemeyer, 40 meters wide; and tiled panel installed in a street gallery in João Pessoa

OS PAINÉIS

Com a grandiosidade dos painéis e murais, criou fama, ao menos em Campina Grande e João Pessoa. O painel de cobogós feito de quadrados, círculos e diagonais inspirado nas redes de dormir decora um dos espaços da Estação Cabo Branco de Ciência, Cultura e Artes, em João Pessoa. *Varanda de Rede*, um paredão de 40 metros, foi encomenda de Oscar Niemeyer, que assinou o projeto arquitetônico do espaço. “Tornei-me uma espécie de representante informal do escritório de Oscar Niemeyer aqui”, comenta. Também assina o mural de cerâmica vitrificada *Civilização do couro* (1993), em Campina Grande, contando a história da indústria do couro em tons ocre e desenhos geométricos cheios de curvas.

A cidade-natal também ganhou, em 2017, no Parque de Bodocongó, um painel azulejado que traz uma alegoria da evolução da cidade conhecida como *Rainha da Borborema*. Da colonização à chegada das primeiras indústrias, do trem e do automóvel, o azul faz a ponte com o barro e com a azulejaria portuguesa. “Esse mural foi pichado. Basquiat, um dos mais valorizados artistas do mercado mundial, veio dessa cultura da pichação. Fazer o quê?”, resigna-se.

A primeira exposição individual, *Arte das Cousas*, aconteceu em 1965, no hall do Teatro Municipal Severino Cabral, em Campina Grande. O evento contou com o show *Do Modernismo à Bossa Nova*, dirigido pelo pernambucano Jomard Muniz de Britto, com a participação do percussionista Naná Vasconcelos e a cantora Tereza Calazans e foi marcante para o artista. “Nessa noite, uma caravana vindo de João Pessoa e Recife veio assistir ao espetáculo, cujo cenário era de autoria de Anacleto Eloi, o mesmo que projetou a minha exposição. Foi quando conheci Jomard e

os visitantes, que logo mais à frente formaria a emblemática geração de jovens artistas e intelectuais do eixo Recife/Olinda/João Pessoa/Natal/Campina Grande, marcada pela poesia-processo, pelo Cinema Novo e pelo Tropicalismo.” Quando Jomard lançou seu Manifesto Tropicalista, no Recife, paraibanos e pernambucanos se reuniram em torno dos ilustres Caetano Veloso e Gilberto Gil.

Em 1966, integrou o primeiro grupo de artistas de Campina Grande, a Equipe 3, ao lado de José Anacleto Eloi de Almeida e Eládio Barbosa. “Nossa primeira ação foi viajar pelo Brasil para visitar exposições. Além da Bienal de São Paulo, fomos ao Salão Nacional de Belas Artes da Prefeitura de Belo Horizonte, em Minas Gerais, onde aproveitamos para conhecer a arquitetura moderna de Oscar Niemeyer, na Pampulha, e depois o barroco das cidades coloniais de Sabará, Ouro Preto e Congonhas”, revela Chico. Em Brasília, o trio visitou o Salão Nacional de Arte Moderna e a então nova capital do país, “com a sua instigante arquitetura e o modelo urbanístico do plano piloto”.

A intervenção urbana “Um dia de sol” (1979) já chamava atenção para o meio ambiente quando a crise climática era algo tão distante quanto Marte. “No verão de 1979, no final da tarde de um domingo, eu e os garís da prefeitura de João Pessoa recolhemos o lixo deixado pelos banhistas nas praias urbanas da cidade, entre os bairros do Cabo Branco e Manaíra”, relata. Ao separar o lixo orgânico do industrializado, colocar em sacos transparentes e pendurados em frente ao então badalado Hotel Tambaú, estava pronto o cenário para um show da Banda 5 Estrelas, da Bahia, contratada para o *happening*. No dia seguinte, alguém ateou fogo aos sacos de lixo e o material novamente voltou para a areia. “Estava dado o recado.”

pastel tones of Alceu Penna (a fashion illustrator from Minas Gerais). That was my first contact with modern Brazilian art,” says Chico.

These influences, along with his interest in the aesthetics of science fiction, the cosmos, Surrealism, and Futurism, blended with urban reality and laced with playful, philosophical, ironic touches, led Chico to fully embrace pop art, infused with geometry, abstractionism, and figurativism. “I have fun using traditional painting techniques in an era when all of this can be done by computer.”

On visiting the 9th São Paulo International Biennial in 1967, Chico greatly expanded his repertoire of Pop Art, especially the American kind, as seen in works by Robert Indiana, Jasper Johns, Roy Lichtenstein, Andy Warhol, Robert Rauschenberg, James Rosenquist, George Segal, Edward Hopper, and many others. So many in fact that the biennial got the nickname “Pop Biennial.” It was heavily criticized for its lack of curatorial criteria and severely impacted by military censorship, which removed many works and hindered press coverage.

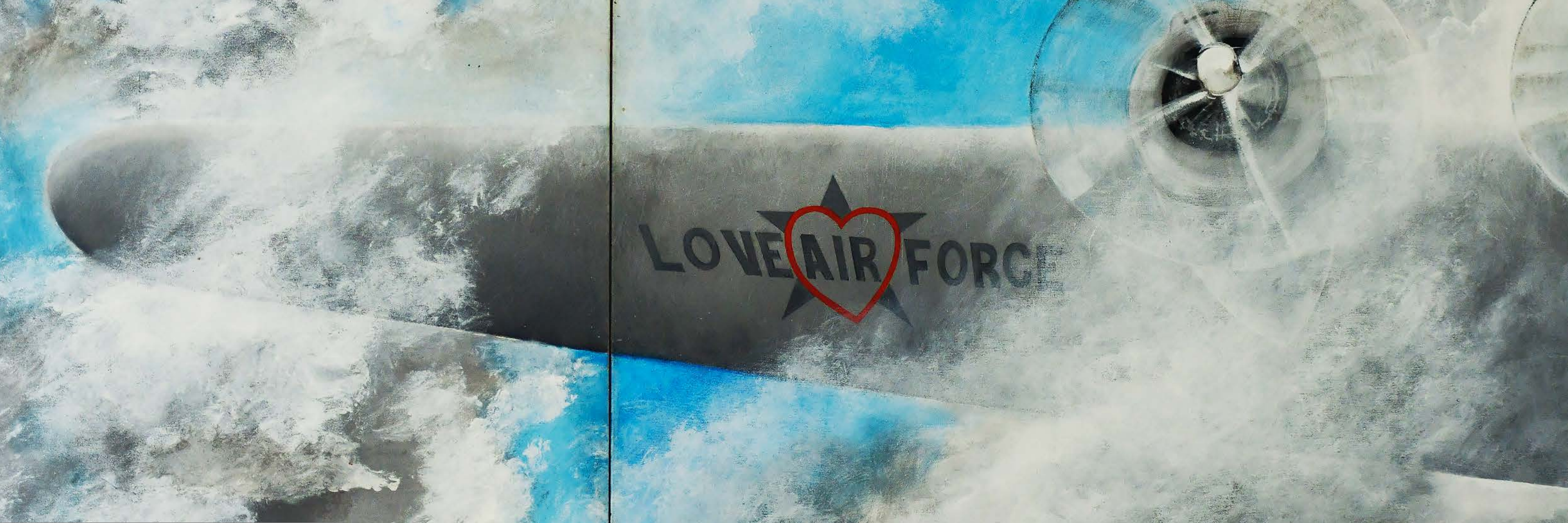
THE PANELS

With the grandeur of his panels and murals Chico gained fame, at least in Campina Grande and João Pessoa. One such work, a panel of *cobogós* (hollow wall fillings) with squares, circles, and diagonals inspired by hammocks, decorates a space in the *Estação Cabo Branco for Science, Culture, and Arts* in João Pessoa. The 40-meter wall *Varanda de Rede* (Hammock Balcony), was commissioned by Oscar Niemeyer, who did the architectural design for the site. “I became a sort of informal representative of

Niemeyer’s office here,” he comments. Chico is also the creator of the vitrified ceramic mural *Civilização do Couro* (Leather Civilisation – 1993) in Campina Grande, which tells the story of the leather industry in ochre tones and geometric designs with lots of curves.

In 2017 in *Bodocongó* park, his home town also got another of Chico’s works: a tiled panel showing the story of the city’s evolution, known as the Queen of *Borborema*. From colonization to the arrival of the first manufacturing plants, trains, and automobiles, blue hues bridge to clay and to Portuguese tilework. “That mural was graffitied. Basquiat, one of the most highly valued artists in the global market came from this culture of graffiti. What can you do?” he says resignedly.

His first solo exhibition, *Arte das Cousas* (Art of Things), came in 1965 in the hall at the Severino Cabral Municipal Theatre in Campina Grande. The event included the show *Do Modernismo à Bossa Nova* (From Modernism to Bossa Nova), directed by Jomard Muniz de Britto from Pernambuco, featuring percussionist Naná Vasconcelos and singer Tereza Calazans, and was a milestone for the artist. “That night, a convoy from João Pessoa and Recife came to watch the performance whose set design was by Anacleto Eloi, the same person who curated my exhibition. That’s when I met Jomard and the visitors who would later form the emblematic generation of young artists and intellectuals from the Recife/Olinda/João Pessoa/Natal/Campina Grande axis, marked by process poetry, the New Brazilian Cinema Movement, and the Tropicalism movement.” When Jomard launched his *Manifesto Tropicalista* in Recife, people from Paraíba and Pernambuco gathered around the illustrious Caetano Veloso and Gilberto Gil.



Love Air Force, criado nos anos 1990, lembra a bomba jogada sobre Hiroshima

Love Air Force, created in the 1990s remembers the bomb dropped on Hiroshima

MUSEU É FUTURO

Em casa, no centro de João Pessoa, Chico nos mostra uma parte do painel *Love Air Force*, a Força Aérea do Amor, criado nos anos 1990, um avião gigantesco cujo nome vem dentro de um coração. “É o avião de bombardeio da Segunda Guerra Mundial, o mesmo que disparou a bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki.” Em sua morada está também outra representação irônica do amor, um coração todo feito de chaves.

Aliás, a simbologia do coração se transformou em verdadeira obsessão para o artista, que guarda uma caixa com diversas representações do coração, em desenhos, objetos e embalagens de produtos, desde que começou a produzir a série, em 1970. “É a imagem mais comercializada do mundo. É antiga e contemporânea ao mesmo tempo.” No caso das chaves, “é uma coisa que está dentro da velha tradição do mito do coração, que passou a ser uma espécie de símbolo dos sentimentos humanos. Daí porque, desde a antiguidade, o coração existe como o centro das emoções”, explica. Chico já fez coração em serigrafia, litografia, retalhos, em acrílica...

O lado gestor-museólogo-curador de Chico Pereira está carimbado na Paraíba desde 1967, quando foi

In 1966 Chico joined Campina Grande’s first artist group, *Equipe 3*, alongside José Anacleto Eloi de Almeida and Eládio Barbosa. “Our first act was to travel around Brazil visiting exhibitions. In addition to the São Paulo Biennial, we attended the National Salon of Fine Arts put on by the Belo Horizonte City Hall in Minas Gerais, where we also explored Oscar Niemeyer’s modern architecture in Pampulha, and later the Baroque of colonial towns such as Sabará, Ouro Preto, and Congonhas,” Chico recalls. In Brasília the trio visited the National Salon of Modern Art and the country’s then-new capital, “with its intriguing architecture and urbanistic model of the pilot plan.” Chico’s urban intervention, *Um Dia de Sol* (A Sunny Day, 1979), drew attention to the environment at a time when the climate crisis was like something from outer space. “On a late-Sunday summer afternoon in 1979, I worked with João Pessoa’s municipal dustbin men to clean up the litter left by beachgoers along the urban beaches between Cabo Branco and Manaíra,” he recounts. On separating organic from industrial waste, placing it in see-through bags, and hanging them in front of the then-trendy Tambaú Hotel, the scene was set for a performance by the *5 Estrelas* Band from Bahia, hired for the

occasion. The next day, someone set the bags on fire, and the waste ended up back on the sand. “The message had been delivered.”

MUSEUM IS THE FUTURE

At home in the centre of João Pessoa Chico shows us part of the *Love Air Force* panel, created in the 1990s, a gigantic airplane whose name is written inside a heart. “It’s the World War II bomber, the same one that dropped the atomic bomb on Hiroshima and Nagasaki.” In his home there’s another sarcastic representation of love: a heart made entirely of keys.

The symbolism of the heart has become a true obsession for the artist, who has kept a box filled with various representations of hearts in drawings, objects, and product packaging since he began producing the series in 1970. “It’s the most commercialized image in the world. It’s both ancient and contemporary at the same time.” Regarding the keys, “it ties into the old tradition of the myth of the heart, which became a kind of symbol for human feelings. That’s why, since antiquity, the heart has existed as the centre of emotions,” he explains. Chico has done hearts in silkscreen, lithography, patchwork, acrylics, and more.

Chico Pereira diante de Caetano Veloso, sob o olhar de Jomard Muniz de Britto (de óculos), durante papo sobre o Tropicalismo

Chico Pereira in front of Caetano Veloso, under the gaze of Jomard Muniz de Britto (with glasses), during a conversation about Tropicalism

ACERVO DO ARTISTA



Toda a sorte de elementos que remetem ao símbolo do coração podem compor obras com colagem

convidado a desenhar a ocupação do antigo edifício da reitoria da Universidade Regional do Nordeste-URNE (atual UEPB), em Campina Grande, para abrigar o Museu de Arte Assis Chateaubriand (MAAC). “Me iniciei no mundo dos museus numa época em que essas instituições eram sinônimo de antiguidade, uma casa para abrigar arte, história e ciências de ontem. Mas já naquela época se falava da importância de esses espaços museológicos serem dinâmicos, destinados não apenas à preservação de memórias passadas, mas também presentes e futuras, mas, também, à educação, informação, lazer, ensino e pesquisa.”

Apesar de acolher museus públicos e privados, segundo Chico, a Paraíba ainda carece de museólogos profissionais. Mesmo sendo uma formação acadêmica antiga, a museologia não era uma atividade obrigatória como nos dias atuais. “Agora o governo está fazendo concurso para museólogos, arquivologistas, paleontólogos, geógrafos e historiadores”, comemora Pereira, um museólogo *ad hoc*, como se define. Daí a vocação para a coleta de materiais de pesquisa como livros,

All sorts of elements that refer to the symbol of the heart can compose collage works

revistas, catálogos, jornais, fotografia e documentos que culminaram na importante publicação sobre a cultura paraibana.

Cultura essa que, em Francisco Pereira, se mistura com outra a universal: “Não esperava chegar a ver a conquista do espaço, a liberdade sexual, a queda da União Soviética, guerras na Europa, as mídias digitais e tantos outros acontecimentos que só existiam na imaginação ou em ficção. Essas coisas absorvidas lentamente foram se incorporando como os moluscos que se prendem ao casco da embarcação, que, mesmo removidos do barco, voltando ao mar, eles retornam. Os acontecimentos ficam impregnados na nossa vida. Mas navegar é preciso...”.

CAROL BOTELHO, repórter especial das revistas Continente e Pernambuco

The manager, museologist, and curator side to Chico Pereira has been stamped on Paraíba since 1967, when he was invited to design the layout for the former rectory building of the Northeast Regional University (URNE, now UEPB) in Campina Grande to house the Assis Chateaubriand Museum of Art (MAAC). “I began my journey in the world of museums at a time when these institutions were synonymous with antiquity – a house for art, history, and the sciences of yesterday. But even then, there was talk of the importance of museums being dynamic spaces, not just for preserving past memories, but of also present and future ones, as well as education, information, leisure, teaching, and research.”

Despite embracing both public and private museums, according to Chico, Paraíba still lacks professional museologists. Despite being an established academic field, museology wasn’t always a mandatory practice as it is today. “But now the government is holding exams to hire museologists, archivists, palaeontologists, geographers,

and historians,” Pereira celebrates, defining himself as an ad hoc museologist. This vocation for collecting research materials such as books, magazines, catalogues, newspapers, photographs, and documents has culminated in significant publications on the culture of Paraíba

In Francisco Pereira this culture blends with another, universal culture. “I never expected to witness the conquest of space, sexual liberation, the fall of the Soviet Union, wars in Europe, digital media, and so many other events that once existed only in imagination or in fiction. These things, slowly absorbed, have become incorporated into me like molluscs clinging to the bottom of a boat, that even if removed from the boat, when returning to sea they reattach. Events become embedded in our lives. But we need to navigate...”

CAROL BOTELHO, special reporter from Continente and Pernambuco magazines. Translation DAVID HUNT

Um dos desenhos mais recentes do artista revela o fascínio pelo cosmo e pela ficção científica

One of the artist's most recent drawings reveals his fascination with the cosmos and science fiction

